

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalerunt

Ano LI, número 48 (2.693)

Cidade do Vaticano

terça-feira 1 de dezembro de 2020

O Papa Francisco criou treze novos cardeais no sétimo consistório do Pontificado

A caminho com Jesus

No final a visita a Bento XVI e no dia seguinte a concelebração da missa no primeiro domingo de Advento

«**D**e fora do caminho, ir pelo caminho de Deus»: eis a atitude de conversão recomendada pelo Papa Francisco aos treze novos cardeais criados no Consistório ordinário público presidido na tarde de sábado, 28 de novembro, na basílica de São Pedro. Um rito caracterizado pela emergência sanitária que impediu a presença física de dois novos purpurados e impôs medidas de distanciamento para contrariar a difusão do contágio, começando pelo altar onde foi celebrado, o da Cátedra e não o da Confissão. No final, Francisco e os onze novos cardeais presentes, foram ao mosteiro Mater Ecclesiae, nos Jardins do Vaticano, visitar o Papa emérito, Bento XVI, e na manhã do dia seguinte concelebraram juntos a missa do primeiro domingo de Advento.

PÁGINAS 4 E 5



ROMA, 28 DE NOVEMBRO

Na tarde de 28 de novembro, na Basílica de São Pedro, o Sumo Pontífice Francisco presidiu ao Consistório público ordinário para a criação de treze Cardeais, a imposição do barrete, a entrega do anel e a atribuição do título ou da diaconia.

O Santo Padre entrou na Basílica às 16 horas e foi em procissão até ao altar da Cátedra. Tendo tomado o seu lugar, ouviu o discurso de saudação pronunciado pelo Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos, o primeiro dos novos Purpurados. Depois de ter recitado a oração inicial e após a proclamação do Evangelho (Mc 10, 32-45), o Papa proferiu a homilia. Em seguida, leu a fórmula para a criação dos Cardeais, proclamando os seus nomes:

- Mario Grech, Bispo Emérito de Gozo (Malta), Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos;
- Marcello Semeraro, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, Administrador Apostólico de Albano (Itália);
- Antoine Kambanda, Arcebispo de Kigali (Ruanda);
- Wilton Daniel Gregory, Arcebispo de Washington (Estados Unidos da América);
- Josef F. Advincula, Arcebispo de Capiz (Filipinas);
- Celestino Aós Braco, Arcebispo de Santiago do Chile;
- Cornelius Sim, Bispo Titular de Putia in Numidia, Vigário Apostólico do Brunei;
- Augusto Paolo Lojudice, Arcebispo de Siena-Colle di Val d'Elsa-Montalcino (Itália);
- Mauro Gambetti, Arcebispo Titular de Thisiduo;
- Felipe Arizmendi Esquivel, Bispo Emérito de San Cristóbal de Las Casas (México);
- Silvano Maria Tomasi, Arcebispo Titular de Acelum, Núncio Apostólico, Delegado Especial junto da Soberana Ordem Militar de Malta;
- Raniero Cantalamessa, Pregador da Casa Pontifícia;
- Enrico Feroci, Arcebispo Titular de Cures Sabinorum.

Entre os novos Purpurados criados não estavam presentes na Basílica – devido à atual pandemia – Suas Eminências os Senhores Cardeais Advincula e Sim. Seguiram-se a imposição do barrete, a entrega do anel e a atribuição do título ou da diaconia a cada um deles. A celebração terminou com a Bênção Apostólica, que o Santo Padre concedeu aos presentes, e com o canto da antifona mariana «Salve Regina».



O Papa invocou um novo modelo de organização social contra a devastação causada pela pandemia

Solidariedade e justiça para a América Latina

PAGINA 2

No discurso ao Colégio Pio latino-americano Francisco exortou a curar o mal que aflige o mundo

A mestiçagem cultural antídoto contra os nacionalismos

PAGINA 3

Na audiência geral de quarta-feira o Pontífice prosseguiu as reflexões sobre a oração

Pregação, comunhão e prece para edificar a Igreja

PAGINA 8

O Papa invocou um novo modelo de organização social contra a devastação causada pela pandemia

Solidariedade e justiça para a América Latina

Na América Latina — onde a pandemia «amplificou e tornou ainda mais evidentes os problemas e as injustiças socioeconômicas» — a sociedade deve reorganizar-se com base em três verbos: «contribuir, compartilhar e distribuir», afirmou o Pontífice na seguinte mensagem de vídeo enviada aos participantes no seminário virtual sobre o tema «América Latina: Igreja, Papa Francisco e os cenários da pandemia». Organizado pela Pontifícia Comissão para a América Latina, pela Pontifícia Academia das Ciências Sociais e pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), o encontro teve lugar de 19 a 20 de novembro.

Saúdo os participantes neste seminário virtual intitulado «América Latina: Igreja, Papa Francisco e os cenários da pandemia», cujo objetivo é refletir e analisar a situação da pandemia de Covid-19 na América Latina, as suas consequências e, sobretudo, as possíveis linhas de ação e ajuda solidária que deverão ser fomentadas por todos aqueles que fazem parte e tecem a beleza e a esperança do continente. Estou grato aos organizadores por esta iniciativa e espero que possa inspirar caminhos, despertar processos, criar alianças e impulsionar todos os mecanismos necessários para garantir uma vida digna aos nossos povos, especialmente aos mais excluídos, através da experiência da fraternidade e da construção da amizade social. Quando digo os mais excluídos, não o digo como no sentido de dar esmola aos mais excluídos, nem como um gesto de caridade,

não, digo-o como chave hermenêutica. Temos que começar por ali, por todas as periferias humanas, todas; se não começarmos por ali, erraremos. E talvez esta seja a primeira depuração do pensamento que temos de fazer.

A pandemia de Covid ampliou e tornou ainda mais evidentes os problemas e as injustiças socioeconômicas, que já afetavam gravemente toda a América Latina e, com maior incisividade, os mais pobres.

Perante as desigualdades e a discriminação, que aumentam o fosso social, há também as condições difíceis em que se encontram os doentes e muitas famílias que atravessam momentos de incerteza e sofrem situações de injustiça social. E isto evidencia-se pela constatação de que nem todos dispõem dos recursos necessários para tomar as medidas básicas de proteção contra a Covid-19: teto seguro onde

poder manter o distanciamento social, água, e produtos sanitários para higienizar e desinfetar os ambientes, trabalho estável que garanta o acesso aos serviços, citando os mais imprescindíveis. Penso que devemos ter isto muito presente. Significa ser concreto. Não só como medida de proteção — como disse há pouco — mas também como factos que nos devem preocupar. Todos têm um teto seguro? Todos têm acesso à água? Têm produtos para higienizar e desinfetar os ambientes? Têm um emprego estável? A pandemia tornou ainda mais visíveis as nossas vulnerabilidades preexistentes.

Neste momento penso inclusive nos irmãos e irmãs que, além de sofrer o impacto da pandemia, veem com tristeza que o ecossistema à sua volta está em sério perigo, devido aos incêndios florestais que destroem vastas áreas como o pantanal e a Amazônia, que são o pulmão da América Latina e do mundo.

Estamos conscientes de que continuaremos a sentir os efeitos devastadores da pandemia durante muito tempo, especialmente nas nossas economias, que exigem atenção solidária e propostas criativas para aliviar o fardo da crise. No

Reino de Deus, que começa já neste mundo, o pão chega para todos e sobra; a organização social baseia-se na contribuição, partilha e distribuição, e não na posse, exclusão e acumulação. Acho que estas duas tríades devem cadenciar um pouco o ritmo do nosso pensamento. No Reino de Deus, o pão chega para todos e sobra; e a organização social baseia-se na contribuição, partilha e distribuição, e não na posse, exclusão e acumulação. Por conseguinte, todos nós somos chamados, individual e coletivamente, a levar a cabo o nosso trabalho ou missão com responsabilidade, transparência e honestidade.

A pandemia trouxe à tona o melhor e o pior dos nossos povos, o melhor e o pior de cada pessoa. Agora, mais do que nunca, é necessário retomar a consciência da nossa pertença comum. O vírus lembra-nos que a melhor maneira de cuidar de nós próprios é aprender a cuidar e proteger quantos estão ao nosso lado: consciência de bairro, consciência de povo, consciência de região, consciência de casa comum. Sabemos que, além da pandemia de Covid-19, existem outros males sociais — falta de teto, de terra e de trabalho, os fa-



mosos três “tês” — que servem como indicadores e exigem uma resposta generosa e a atenção imediata.

Diante deste panorama sombrio, os povos latino-americanos ensinam-nos que são povos com almas que souberam enfrentar as crises com coragem e gerar vozes que, gritando no deserto, aplanaram o caminho para o Senhor (cf. Mc 1, 3). Por favor, não deixemos que nos roubem a esperança! O caminho da solidariedade como justiça é a melhor expressão de amor e

proximidade. Podemos sair melhores desta crise, e muitas das nossas irmãs e irmãos testemunharam isto na doação diária da própria vida e nas iniciativas que o Povo de Deus gerou.

Vimos «a força ativa do Espírito, derramada e plasmada na dedicação corajosa e generosa» (*Momento extraordinário de oração em tempos de epidemia*, 27 de março de 2020). Sobre este aspeto, dirijo-me também a quantos exercem responsabili-

CONTINUA NA PÁGINA 3

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 19 de novembro

Os Senhores Cardeais Angelo De Donatis, Vigário-Geral de Sua Santidade para a Diocese de Roma; e Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação a Doutrina da Fé.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Paolo Ruffini, Prefeito do Dicastério para a Comunicação.

O Rev.^{mo} Mons. Maurizio Bravi, Observador Permanente na Organização Mundial do Turismo.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Vincenzo Buonomo, Magnífico Reitor da Pontifícia Universidade Lateranense.

No dia 20 de novembro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Qu Dongyu, Diretor-Geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, com o Séquito.

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; e os membros da Comunidade do Pontifício Colégio Pio Latino-Americano de Roma.

No dia 23 de novembro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Carmelo Barbagallo, Presidente da Autoridade de Informação Financeira; os membros de uma Delegação de “Fairtrade International”; e uma Delegação da “National Basketball Players Association”.

D. Marcello Semeraro, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos.

Renúncias

O Sumo Pontífice aceitou a renúncia:



INFORMAÇÕES

No dia 19 de novembro

De D. Thumma Bala, ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Hyderabad (Índia).

No dia 21 de novembro

De D. Fidèle Nsielele Zi Mputu, ao governo pastoral da Diocese de Kisantu (República Democrática do Congo).

De D. Lucas Kim Woon-hoe, ao governo pastoral da Diocese de Chunchon (Coreia).

De D. José Raúl Vera López, O.P., ao governo pastoral da Diocese de Saltillo (México).

No dia 22 de novembro

De D. Peter Kang U-il, ao governo pastoral da Diocese de Cheju (Coreia).

Nomeações

O Santo Padre nomeou:

A 19 de novembro

Arcebispo Metropolitano de Hyderabad (Índia), D. Anthony Poola, até agora Bispo da Diocese de Kurnool.

A 21 de novembro

Membros da Congregação para os Bispos, D. Robert Francis Prevost, Bispo de Chiclayo (Peru); e D. Grzegorz Ryś, Arcebispo Metropolitano de Łódź (Polónia).

Bispo de Saltillo (México), D. Hilario González García, até esta data Bispo da Diocese de Linhares.

Bispo da Diocese de Chunchon, na Coreia, o Rev.^{do} Pe. Simon Kim Ju-young, do clero da mes-

ma Sede, até à presente data Diretor do Centro de Pesquisa de História da Igreja e Secretário da Comissão da Conferência Episcopal Coreana para a Reconciliação.

D. Simon Kim Ju-young nasceu a 3 de março de 1970, e foi ordenado Sacerdote no dia 15 de dezembro de 1998.

Bispo da Diocese de Parral, no México, o Rev.^{do} Pe. Mauricio Urrea Carrillo, do clero da Diocese de Nogales, até hoje Pároco de “La Purísima Concepción de María”, em Nogales.

D. Mauricio Urrea Carrillo nasceu no dia 6 de julho de 1969, em Nogales (México), e recebeu a Ordenação presbiteral em 5 de fevereiro de 2004.

Bispo Auxiliar da Diocese de Hamilton, no Canadá, o Rev.^{do} Pe. Wayne Lawrence Lobsinger, até agora Vigário Episcopal para a Vida Consagrada e Pároco de “Saint Thomas Apostle”, em Waterdown, na mesma Sede, simultaneamente eleito Bispo Titular de Gemelle di Numidia.

D. Wayne Lawrence Lobsinger nasceu no dia 1 de dezembro de 1966, em Waterloo, Ontario (Canadá), e foi ordenado Presbítero a 7 de maio de 1994.

A 22 de novembro

Bispo da Diocese de Cheju (Coreia), D. Pius Moon Chang-woo, até agora Coadjutor da mesma Sede.

Maestro Diretor da Capela Musical Pontifícia, denominada Capella Sistina, o Rev.^{mo} Mons. Marcos Pavan, até à presente data Maestro Diretor “ad interim” da mesma Capela Musical Pontifícia.

O Rev.^{mo} Mons. Marcos Pavan nasceu em São Paulo (Brasil), a 23 de outubro de 1962, e recebeu a Ordenação sacerdotal para a diocese de Campo Limpo em 29 de junho de 1996. Licenciado em direito pela Universidade de São Paulo em 1985 e inscrito na ordem dos advogados do Brasil, estudou filosofia em Roma no então centro de estudos supe-

riores das legionárias de Cristo e teologia na pontifícia Universidade de S. Tomás de Aquino. Obteve uma sólida formação artística e musical, tendo estudado piano e teoria musical, assim como técnica vocal, canto gregoriano e direção coral, realizando inúmeros concertos e gravações para a rádio e a televisão. Entrou na Capela musical pontifícia como assistente dos “pueri cantores” em 1998, e no dia 10 de julho de 2019 foi-lhe confiado o cargo de maestro “ad interim” da mesma Capela musical pontifícia, denominada Capella Sistina.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

No dia 18 de novembro

D. Iwannis Louis Awad, Exarca Apostólico Emérito para os fiéis sírios residentes na Venezuela.

O illustre Prelado nasceu a 17 de abril de 1934, na localidade de Zeidal, Arquieparquia de Homs dos Sírios (Síria). Foi ordenado Sacerdote em 8 de dezembro de 1957 e recebeu a Ordenação episcopal no dia 12 de setembro de 2003.

No dia 21 de novembro

D. Jožef Smej, Bispo Titular de Tzernicus, ex-Auxiliar da Arquidiocese de Maribor, na Eslovénia.

O venerando Prelado nasceu no dia 15 de fevereiro de 1922, em Bogojina, Diocese de Murska Sobota (Eslovénia). Recebeu a Ordenação sacerdotal em 8 de dezembro de 1944 e foi ordenado Bispo no dia 23 de maio de 1983.

No dia 23 de novembro

D. Marco Ferrari, Bispo Titular de Mazaca, ex-Auxiliar da Arquidiocese de Milão, na Itália, de Covid-19.

O saudoso Prelado nasceu a 27 de novembro de 1932, em Bergamo (Itália). Foi ordenado Presbítero no dia 28 de junho de 1959 e recebeu a Ordenação episcopal em 18 de outubro de 1987.

A mestiçagem cultural como antídoto contra os «nacionalismos autorreferenciais, fechados em si mesmos» que impedem «o encontro fraterno entre os povos», foi indicada pelo Papa Francisco à comunidade do colégio Pio latino-americano, recebida em audiência na Sala Clementina do Palácio apostólico do Vaticano a 20 de novembro. No discurso que lhes dirigiu, o bispo de Roma indicou três pontos de ação: «abrir a porta do coração e dos corações, ajudar» e «curar o mundo do grande mal que o aflige e que a pandemia realçou».

Estimados irmãos e irmãs!

Saúdo toda a comunidade do Colégio. Agradeço ao padre Gilberto Freire, S.J., as palavras que me dirigiu em nome dos presentes. Nelas ele ilustra-me dificuldades, problemas, desafios do tempo presente. Especialmente para vós, neste caminho para permanecer fideis à vocação e procurar modos para servir melhor.

Embora a história tenha separado os nossos povos, não tem sido capaz de destruir nelas as raízes que os unem. Com base nisto, o Colégio Pio Latino-americano nasceu como um compromisso de unir todas as nossas Igrejas particulares e ao mesmo tempo de as abrir à Igreja universal em Roma e a partir de Roma.

Esta experiência de comunidade e de abertura é uma chamada, pois o exemplo da mestiçagem que tornou grande a América, e que é vivida na comunidade plural que formais, pode por sua vez contribuir para curar o mundo. O Evangelho e a sua mensagem chegaram à nossa terra por meios humanos, não isentos de pecado, todos sabemos, mas a graça sobrepôs-se à nossa fraqueza e a sua Palavra difundiu-se em todos os cantos do continente. Povos e culturas acolheram-no numa rica diversidade de formas que ainda hoje podemos contemplar e que nos ensina a não ter medo da diversidade, mas a compreender que não se pode ser Igreja sem diversidade de povos. Este milagre aconteceu porque tanto os que vieram como os que os acolheram puderam abrir os corações e não se fecharam ao que o outro podia oferecer, a nível humano, cultural ou re-



No discurso ao Colégio Pio latino-americano Francisco exortou a curar o mal que aflige o mundo

A mestiçagem cultural antídoto contra os nacionalismos

ligioso. Estas raízes mestiças – falei-vos da mestiçagem da última vez –, estas raízes mestiças nascem de um coração capaz de amar o outro com um amor que é fecundo, ou seja, disposto a criar algo novo que o supere e transcenda. E isto pressupõe que se rejeite a própria autorreferencialidade. Hoje, não só na América, mas no mundo, são os nacionalismos autorreferenciais, fechados em si mesmos e olhando para si próprios, que impedem o encontro fraterno entre os povos. É-nos pedido que rejeitemos a autorreferencialidade e que, a partir da nossa identidade própria, sejamos capazes de difundir o dom recebido. E esta semente do reino, não duvideis, crescerá e dará cem por um, não de grãos todos iguais, mas de uma variedade e riqueza insuspeitáveis.

Atualmente existem latino-americanos espalhados pelo mundo e muitas comunidades cristãs beneficiaram desta realidade. As igrejas do norte e do centro da Europa, até do leste, encontraram nelas uma nova vitalidade. Muitas cidades, de Madrid a Kobe, celebram fervorosamente o Cristo

dos Milagres e o mesmo se pode dizer de Nossa Senhora de Guadalupe. A rica mestiçagem cultural que tornou possível a evangelização repete-se hoje de novo. Os povos latino-americanos encontram-se entre si e com outros povos, graças à mobilidade social e aos serviços de comunicação, e deste encontro também eles são enriquecidos.

Neste tempo, neste campo, sois chamados a semear a Palavra, de forma generosa, sem preconceitos, como faz Deus, que não olha para a dureza da terra, nem para a presença de pedras ou cardos, que não erradica o joio, de modo a não extirpar com ele também a boa semente do Reino. E deve incidir nisto a vossa formação e ministério, para abrir a porta do vosso coração e o coração daqueles que vos escutam, para ajudar e convidar outros a fazê-lo convosco para o bem de todos, para curar este mundo do grande mal que o aflige e que a pandemia tão cruelmente realçou. Como vedes, há três pontos de ação concretos que têm dois momentos: pessoal e comunitário, que inevitavelmente se complementam.

Abrir a porta do coração e dos corações. Certamente abrir o coração ao Senhor que nunca deixa de bater à nossa porta, para habitar em nós. Mas abrindo-a também ao irmão, porque não esqueçais que a nossa relação com Deus pode ser facilmente avaliada pela forma como nos projetamos para o nosso próximo. Quando se abre o coração a todos sem distinção, por amor a Deus, cria-se um espaço onde Deus e o próximo se podem encontrar. Nunca deixeis de mostrar esta disponibilidade, esta abertura: nunca fecheis a porta àqueles que, no fundo do coração, desejam entrar e sentir-se acolhidos. Pensai que é o Senhor que vos chama sob a veste do pobre, para vos sentardes todos juntos no seu banquete. E deixo-vos uma pergunta: onde está o pobre na minha vida? Será que me esqueci de onde venho?

A segunda linha é *ajudar e convidar outros a fazer o mesmo.* O Senhor chama-nos à vocação sacerdotal. Ele enviou-vos a esta cidade de Roma para completar a vossa formação, porque Ele apresenta sempre este projeto de amor e serviço para cada um de vós. Pastores

segundo o coração de Deus, pastores que se dediquem ao cuidado dos fiéis, que apascentem, pastores que não tenham medo do rebanho, que guiem, que cuidem, que procurem fazer com que o seu povo progrida sempre, pastores que tenham a coragem de estar na frente, no meio e atrás do rebanho. Na frente para conduzir no momento oportuno, no meio para sentir o cheiro das ovelhas, e atrás para cuidar das que se atrasam, e também para deixar em certos momentos o rebanho caminhar sozinho, pois o rebanho tem olfato para encontrar boas pastagens, e sentir-se acolhidos. Pensai que é o Senhor que vos chama sob a veste do pobre, para vos sentardes todos juntos no seu banquete. E deixo-vos uma pergunta: onde está o pobre na minha vida? Será que me esqueci de onde venho?

úteis, responsáveis, necessários, que exista um espaço onde também eles possam ajudar. Lutai contra a cultura do descarte, e por favor não a provoquais com um clericalismo que causa tantos danos e que é uma doença, lutai contra a segregação social, lutai contra a desconfiança e preconceito por razões de raça, cultura ou fé, para que o sentimento de fraternidade prevaleça sobre qualquer diferença.

E a terceira linha, *curar o mundo do grande mal que o aflige.* A pandemia colocou-nos perante o grande mal que aflige a nossa sociedade, despojou-a, podemos tocá-la com as mãos. A globalização atravessou fronteiras, mas não as mentes e os corações. O vírus está a difundir-se sem controlo, somos incapazes de responder em conjunto. O mundo continua a fechar as portas, recusando o diálogo e rejeitando a cooperação, negando-se a abrir-se sinceramente a um compromisso comum para um bem que chegue a todos indiscriminadamente; é assim o espírito do mundo, é assim que se move, e é assim que funciona. A cura deste mal deve vir de baixo, dos corações e das almas que um dia vos serão confiadas, e deve vir com propostas concretas no campo da educação, da catequese, do compromisso social, com propostas capazes de mudar a mentalidade e de abrir espaços, para curar este mal e dar a Deus um povo unido. Repito esta figura, a globalização sim, mas não a esfera, a esfera é a uniformidade. Globalização, sim, mas como poliedro, onde cada povo, cada um, preserve a própria particularidade.

E peço à Virgem Mãe, a Virgem de Guadalupe, Padroeira da América Latina, que ampare a vossa esperança neste curso que agora se abre no meio das incertezas humanas, para que possais aceitar o chamamento de Deus para onde o Senhor vos indicar, vos enviar e para que possais ser testemunhas da fraternidade humana que nasce da única fonte, por sermos filhos de Deus. Que o Senhor vos abençoe e que a Virgem vos proteja. E por favor não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado.

Solidariedade e justiça para a América Latina

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

dades políticas e, uma vez mais, permito-me convidar a reabilitar a política, que «é uma vocação muito elevada, uma das formas mais preciosas de caridade, porque procura o bem comum». Como disse na recente Encíclica *Fratelli tutti*: «Reconhecer todo o ser humano como um irmão ou uma irmã e procurar uma amizade social que integre a todos não são meras utopias. Exigem a decisão e a capacidade de encontrar percursos eficazes que assegurem a sua real possibilidade. Todo e qualquer esforço nesta linha torna-se um exercício alto da caridade. Com efeito, um indivíduo pode ajudar uma pessoa necessitada mas, quando se une a

outros para gerar processos sociais de fraternidade e justiça para todos, entra no «campo da caridade mais ampla, a caridade política». Trata-se de avançar para uma ordem social e política, cuja alma seja a caridade social» (n. 180).

E isto exige de todos nós, que desempenhamos um papel de liderança, que aprendamos a arte do encontro e não encorajemos nem apoiemos ou utilizemos mecanismos que façam da grave crise um instrumento de caráter eleitoral ou social. A profundidade da crise exige proporcionalmente a competência da classe política dirigente, capaz de elevar a sua visão e de dirigir e orientar as diferenças legítimas na busca de soluções viáveis para os nossos povos. A

única coisa que desacreditar o próximo obtém é minar a possibilidade de encontrar acordos que ajudem a aliviar os efeitos da pandemia nas nossas comunidades, mas principalmente para os mais excluídos. E na América Latina, não sei se em toda a parte, mas em boa parte da América Latina, temos a grande capacidade de progredir no descrédito do outro. Quem paga por este processo de descrédito? É o povo que o paga, nós progredimos no desacreditar o outro em desvantagem dos mais pobres, à custa do povo. É tempo que a marca distintiva daqueles que foram eleitos pelo seu povo, para o governar, seja o serviço do bem comum e não que o bem comum seja posto ao serviço dos seus interesses. Todos

nós conhecemos as dinâmicas da corrupção que se verifica nesta área. E isto vale também para os homens e mulheres de Igreja; pois as dinâmicas eclesiais internas são uma verdadeira lepra que faz adoecer e mata o Evangelho.

Exorto-vos, impelidos pela luz do Evangelho, a continuar a sair com todas as pessoas de boa vontade em busca de quantos pedem ajuda, à maneira do Bom Samaritano, abraçando os mais fracos e construindo – trata-se de uma expressão muito gasta, mas digo-a de igual modo – uma nova civilização, pois «o bem, como aliás o amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam de uma vez para sempre; hão de ser conquistados cada dia» (*Fratelli tutti*, 11).

Face a estes grandes desafios, pecamos à Virgem de Guadalupe que a nossa terra latino-americana não se «desmadre», ou seja, que não perca a memória da sua mãe. Que a crise, longe de nos separar, nos ajude a recuperar e a valorizar a consciência desta mestiçagem comum que nos irmana e torna filhos de um mesmo Pai.

Mais uma vez, far-nos-á bem recordar que a unidade é superior ao conflito. Que o seu manto, o seu manto de Mãe e de Mulher, nos proteja como um só povo que, lutando pela justiça, possa dizer: «Acolheu a Israel, seu servo, recordando a sua misericórdia, conforme prometera aos nossos pais» (*Lc* 1, 54-55). Muito obrigado!

Consistório ordinário público

Aos novos cardeais o Papa recordou que a púrpura não é uma distinção

A caminho

Publicamos a homilia do Pontífice proferida durante o consistório ordinário público para a criação de treze cardeais, presidido na tarde de sábado, 28 de novembro na basílica de São Pedro.

Jesus e os discípulos «iam a caminho...». A cena descrita pelo evangelista Marcos (10, 32-45) passa-se no caminho. É, no mesmo ambiente, se desenrola o percurso da Igreja: o caminho da vida, da história, que é história de salvação na medida em que o percorrermos com Cristo, rumo ao seu Mistério Pascal. À nossa frente, sempre temos Jerusalém. A Cruz e a Ressurreição pertencem à nossa história: são o nosso hoje, mas constituem sempre também a meta do nosso caminho.

Este texto do Evangelho já várias vezes acompanhou os Consistórios para a criação de novos Cardeais. Não é apenas o «pano de fundo», mas uma «indicação de percurso» para

Palavra evangélica.

Marcos destaca que, ao longo do caminho, os discípulos «estavam espantados (...) estavam cheios de medo» (10, 32). Mas porquê? Porque sabiam aquilo que os esperava em Jerusalém; intuam-no; melhor, sabiam-no porque Jesus já lhes falara disso, abertamente, mais do que uma vez. O Senhor conhece o estado de ânimo daqueles que O seguem, e isso não O deixa indiferente. Jesus nunca abandona os seus amigos; jamais os transcura. Mesmo quando parece cortar a direita pelo seu caminho, sempre o faz por nós: tudo o que faz, fá-lo por nós, pela nossa salvação. E, neste caso específico dos Doze, fá-lo para os preparar para a provação, a fim de conseguirem estar com Ele agora e sobretudo depois, quando Jesus já não estiver no meio deles. Para que estejam sempre com Ele e sigam pelo seu caminho.

Sabendo que o coração dos

e não os de Cristo (cf. *Fp* 2, 21). A propósito disto compôs Santo Agostinho aquele Discurso estupendo sobre os pastores (n. 46), que sempre nos faz bem reler no Ofício de Leituras.

Depois de ter ouvido Tiago e João, Jesus não Se descompõe, nem Se zanga; a sua paciência é verdadeiramente infinita! Também conosco, teve paciência, tem e terá... E responde: vós «não sabeis o que pedis» (10, 38). De certo modo desculpa-os, mas ao mesmo tempo censura-os: «Não vos dais conta de que estais fora do caminho». Com efeito, imediatamente depois serão os outros dez apóstolos a demonstrar, com a sua reação indignada contra os filhos de Zebedeu, como todos estivessem tentados a seguir fora do caminho.

Queridos irmãos, todos nós amamos Jesus, todos queremos segui-Lo, mas devemos estar sempre vigilantes para permanecer no seu caminho. Pois com os pés, com o corpo, podemos estar com Ele, mas o nosso coração pode estar longe e levar-nos para fora do caminho. Pensemos em tantos géneros de corrupção na vida sacerdotal. Assim, por exemplo, o vermelho púrpuro das vestes cardinalícias, que é a cor do sangue, pode tornar-se, para o espírito mundano, a cor duma distinção eminente. E deixarás de ser o pastor próximo do povo; sentir-te-ás apenas «a eminência». Quando sentires isto, estás fora do caminho.

Nesta narração evangélica, sempre impressiona o contraste nítido entre Jesus e os discípulos. Jesus sabe-o, conhece-o e suporta-o. Mas o contraste permanece: Ele, no caminho; os discípulos, fora do caminho. Dois percursos inconciliáveis. Na realidade, só o Senhor pode salvar os seus amigos desviados, em risco de se perderem. Só a sua Cruz e a sua Ressurreição... Por eles, e por todos, Jesus sobe a Jerusalém. Por eles, e por todos, dividirá em pedaços o seu corpo e derramará o seu sangue. Por eles, e por todos, ressuscitará dos mortos e, com o dom do Espírito, perdoar-lhes-á e transformá-los-á. Enfim encaminhá-los-á pelo seu caminho.

São Marcos — como aliás São Mateus e São Lucas — inseriram esta narração no próprio Evangelho, porque é uma Palavra que salva, uma Palavra necessária à Igreja de todos os tempos. Apesar da má figura que nela fazem os Doze, a mesma entrou no Cânon, porque mostra a verdade acerca de Jesus e de nós próprios. É uma palavra salutar também para nós hoje. Também nós, Papa e Cardeais, devemos espelhar-nos sempre nesta Palavra de verdade. É uma espada afiada: corta, é dolorosa, mas ao mesmo tempo cura-nos, liberta-nos, converte-nos. A conversão é precisamente isto: sair de fora do caminho, ir para o caminho de Deus.

Que o Espírito Santo nos dê, hoje e sempre, esta graça!



nós, que hoje estamos a caminho juntos com Jesus. Ele avança à nossa frente; é a força e o sentido da nossa vida e do nosso ministério.

Assim, amados irmãos, hoje cabe a nós medir-nos com esta

discípulos está turbado, Jesus chama à parte os Doze e diz-lhes «de novo (...) o que Lhe ia acontecer» (10, 32). Foi o que ouvimos: é o terceiro anúncio da sua paixão, morte e ressurreição. Este é o caminho do Filho de Deus, o caminho do Servo do Senhor. E Jesus identifica-Se de tal modo com esse caminho, que Ele próprio é este caminho: «Eu sou o caminho» (*Jó* 14, 6). Este caminho; e não outro.

E, neste ponto, sucede um imprevisto que agita a situação, permitindo a Jesus revelar a Tiago e a João — na realidade, porém, a todos os Apóstolos e a nós todos — o destino que os espera. Imaginemos a cena: depois de voltar a explicar o que Lhe deve acontecer em Jerusalém, Jesus fixa bem os Doze, olhos nos olhos, como se dissesse: «Está claro?». Em seguida, retoma o caminho à cabeça do grupo. Mas, do grupo, separam-se dois: Tiago e João. Aproximam-se de Jesus e exprimem-Lhe um desejo: «Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda» (10, 37). E este é outro caminho. Não é o caminho de Jesus; é outro. É o caminho de quem, talvez sem se dar conta sequer, se aproveita do Senhor para se promover a si mesmo; o caminho de quem — como diz São Paulo — procura os próprios interesses,

Títulos e diaconias

— Mario Grech, diaconia dos Santos Cosme e Damião

— Marcello Semeraro, diaconia de Santa Maria "in Domnica"

— Antoine Kambanda, título de São Sisto

— Wilton Daniel Gregory, título da Imaculada Conceição de Maria em Grottarossa

— Jose F. Advincula, título de São Vigilio

— Celestino Aós Braco, título dos Santos Nereu e Aquileu

— Cornelius Sim, título de São Judas Tadeu Apóstolo

— Augusto Paolo Lojudice, título de Santa Maria do Bom Conselho

— Mauro Gambetti, diaconia do Santíssimo Nome de Maria no Foro Traiano

— Felipe Arizmendi Esquivel, título de São Luís Maria Grignon de Montfort

— Silvano Maria Tomasi, diaconia de São Nicolau no Cárcere

— Raniero Cantalamessa, diaconia de Santo Apolinário nas Termas Neronianas—Alexandrinas

— Enrico Feroci, diaconia de Santa Maria do Divino Amor em Castel di Leva

Pelas populações da Amé

Ao meio-dia de 29 de novembro, da janela do estúdio particular do Palácio apostólico, o Pontífice guiou a prece mariana com os fiéis presentes na praça de São Pedro, introduzindo-a com uma reflexão sobre o trecho do evangelho proposto pela liturgia do primeiro domingo do Advento.

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, primeiro domingo do Advento, começa um novo ano litúrgico. Nele a Igreja cadencia o curso do tempo com a celebração dos principais acontecimentos da vida de Jesus e da história da salvação. Ao fazê-lo, como Mãe, ilumina o caminho da nossa existência, ajuda-nos nas ocupações diárias e orienta-nos para o encontro final com Cristo. A liturgia de hoje convida-nos a viver o primeiro "tempo forte" que é o do Advento, o primeiro do ano litúrgico, o Advento, que nos prepara para o Natal, e devido a esta preparação é um tempo de espera, um tempo de esperança. Espera e esperança.

São Paulo (cf. *1 Cor* 1, 3-9) indica o objeto da espera. Qual é? A «manifestação do Senhor» (v. 7). O Apóstolo convida os cristãos de Corinto, e nós também, a concentrar a atenção no encontro com a pessoa de Jesus. Para o cristão, o mais importante é o encontro contínuo com o Senhor, estar com o Senhor. E assim, habituados a estar com o Senhor da vida, preparamo-nos para o encontro, para estar com o Senhor na eternidade. E este encontro definitivo virá no fim do mundo. Mas o Senhor vem todos os dias, pois com a sua graça podemos praticar o bem na nossa vida e na dos outros. O nosso Deus é um Deus-que-vem — não vos esqueçais disto: Deus é um Deus que vem, vem continuamente — Ele não desilude a nossa expectativa! O Senhor nunca desilude! Talvez nos faça esperar, nos faça esperar alguns momentos na escuridão para fazer amadurecer a nossa esperança, mas nunca desilude. O Senhor vem sempre, está sempre ao nosso lado. Às vezes não se manifesta, mas vem sempre. Veio num momento histórico específico e fez-se homem para assumir sobre si os nossos pecados — a festividade do Natal comemora esta primeira vinda de Jesus no momento histórico — virá no fim dos tempos como juiz universal; e vem também uma terceira vez, de um terceiro modo: vem cada dia para visi-

tar o seu povo, para visitar cada homem e mulher que o acolhe na Palavra, nos Sacramentos, nos irmãos e irmãs. Jesus, diz-nos a Bíblia, está à porta e bate. Cada dia. Está à porta do nosso coração. Bate à porta. Sabes ouvir o Senhor que bate à porta, que veio hoje para te visitar, que bate à porta do teu coração com uma inquietação, com uma ideia, com uma inspiração? Veio a Belém, virá no fim do mundo, mas vem a nós cada dia. Prestai atenção, vede o que sentis no coração quando o Senhor bate à porta.

Sabemos que a vida é feita de altos e baixos, de luzes e sombras. Cada um de nós experimenta momentos de desilusão, de fracasso e de confusão. Além disso, a situação em que vivemos, marcada pela pandemia, gera em muitas pessoas preocupação, medo e desânimo; corremos o risco de cair no pessimismo, o risco de cair no fechamento e na apatia. Como devemos reagir diante de tudo isto? O Salmo de hoje sugere-nos: «A nossa alma espera no Senhor, porque Ele é o nosso amparo e o nosso escudo. É nele que se alegra o nosso coração» (*Sl* 32, 20-21). Ou seja, a alma que espera, uma expectativa confiante no Senhor faz encontrar alívio e coragem nos momentos sombrios da existência. E de onde brotam esta coragem e esta aposta confiante? De onde brotam? Nasceram da esperança. E a esperança não desilude, é a virtude que nos leva em frente, em vista do encontro com o Senhor.

O Advento é um apelo incessante à esperança: lembra-nos que Deus está presente na história para a levar ao seu fim último, para a levar à sua plenitude, que é o Senhor, o Senhor Jesus Cristo. Deus está presente na história da humanidade, é o «Deus conosco», Deus não está longe, está sempre conosco, a tal ponto que muitas vezes bate à porta do nosso coração. Deus caminha ao nosso lado para nos amparar. O Senhor não nos abandona; acompanha-nos nas nossas vicissitudes existenciais para nos ajudar a descobrir o sentido do caminho, o significado da vida diária, para nos incutir coragem nas provações e na dor. No meio das tempestades da vida, Deus estende-nos sempre a mão e liberta-nos das ameaças. Isto é bom! No livro do Deuterónimo há um trecho muito bonito, onde o profeta diz ao povo: «Pensai, que povo tem os seus deu-



Homilia do Sumo Pontífice no primeiro domingo de Advento

Proximidade e vigilância

Publicamos a homilia proferida pelo Papa Francisco durante a celebração da missa com os novos cardeais, que teve lugar na manhã de 29 de novembro, na basílica de São Pedro.

As leituras de hoje sugerem-nos duas palavra-chave para o tempo de Advento: *proximidade e vigilância*. Proximidade de Deus e vigilância nossa: enquanto o profeta Isaías diz que Deus está perto de nós, Jesus, no Evangelho, exorta-nos a vigiar à espera d'Ele.

Proximidade. Isaías começa tratando a Deus por «Tu»: «Tu és o nosso Pai» (63, 16). E continua: «Nunca nenhum ouvido ouviu (...) que algum deus, exceto Tu, fizesse tanto por quem nele confia» (64, 3). Saltam-nos à mente as seguintes palavras do Deuterónimo: quem «está próximo [de nós, como] o Senhor, nossos Deus, sempre que O invocamos?» (Dt 4, 7). O Advento é o tempo para nos *lembrarmos* da proximidade de Deus, que

desceu até nós. Mas o profeta vai mais além e pede a Deus que volte a aproximar-se: «Quem dera que rasgasses os céus e descesses!» (Is 63, 19). E pedimo-lo também nós, no Salmo: «Ó Deus do universo, volta, por favor», e «vem salvar-nos!» (cf. Sl 80, 15.3). O «Deus, vinde em nosso auxílio! Senhor, socorrei-nos e salvai-nos»: assim damos, muitas vezes, início à nossa oração. O primeiro passo da fé é dizer ao Senhor que precisamos d'Ele, da sua proximidade.

E a primeira mensagem do Advento e do Ano Litúrgico é também reconhecer Deus próximo e dizer-lhe: «Aproximai-vos de novo!» Ele quer vir para junto de nós, mas... propõe-se; não se impõe. Cabe a nós não nos cansarmos de lhe dizer: «Vinde!». Cabe a nós repetir a oração do Advento: «Vinde!». Jesus – lembra-nos o Advento – veio entre nós e voltará no fim dos tempos. Mas – perguntamo-nos – de que nos servem tais vindas, se não vem hoje à nossa vida? Convidemo-Lo. Façamos nossa esta invocação característica do Advento: «Vem, Senhor Jesus!» (Ap 22, 20). Com esta invocação, termina o livro do Apocalipse: «Vem, Senhor Jesus!» Podemos dizê-la ao princípio de cada dia e repeti-la com frequência, antes das reuniões, do estudo, do trabalho e das decisões a tomar, nos momentos mais importantes e nos de provação: *Vem, Senhor Jesus!* Uma oração breve, mas vinda do coração. Repitamo-la neste tempo de Advento: «Vem, Senhor Jesus!»

Invocando assim a sua proximidade, treinaremos a nossa *vigilância*. Hoje o evangelho de Marcos propôs-nos a parte final do último discurso de Jesus, que se condensa numa única palavra: «Vigiai!». O Senhor repete-a quatro vezes, em cinco versículos (cf. 13, 33-35.37). É importante permanecer vigilantes, porque na vida é um erro perder-se em mil coisas e não se dar conta de Deus. Dizia Santo Agostinho: «*Tímeo Iesum transeuntem...* – tenho medo que Jesus passe sem me dar conta» (Sermones, 88, 14, 13). Arrastados pelos nossos interesses – sentimo-lo todos os dias – distraídos por tantas vaidades, corremos o risco de perder o essencial. Por isso, hoje, o Senhor repete «*a todos: vigiai!*» (Mc 13, 37). Vigiai, estai atentos.

Mas, se devemos velar, quer dizer que nos encontramos na noite. É verdade! Agora não vivemos no dia, mas à espera do dia por entre obscuridades e fadigas. O dia chegará, quando estivermos com o Senhor. Chegará, não desfaleçamos! A noite passará, surgirá o Senhor e virá julgar-nos, Ele que morreu na cruz por nós. Vigiar é esperar isto, é não se deixar dominar pelo desânimo: a isto chama-se *viver na esperança*. Como antes de nascer fomos esperados por quem nos amava, assim agora somos esperados pelo Amor em pessoa. E, se somos esperados no Céu, para quê viver de pretensões terrenas? Para quê esfaltar-se por um pouco de dinheiro, de fama, de sucesso... coisas todas que passam? Para quê perder tempo a lamentar-se da noite, se nos espera a luz do dia? Para quê buscar «padrinhos» para se conseguir uma promoção e subir, ser promovido na carreira? Tudo passa. Vigiai: diz o Senhor.

Manter-se acordado não é fácil; antes, é uma coisa muito difícil: é natural dormir de noite. Não o conseguiram os discípulos de Jesus, a quem Ele dissera que vigiassem «à tarde, à meia-noite, ao cantar do galo, de manhãzinha» (cf. Mc 13, 35). E, precisamente nessas horas, não estiveram vigilantes: à tarde, durante a Última Ceia, traíram Jesus; de noite, adormeceram; ao cantar do galo, renegaram-no; de manhãzinha, deixaram-no condenado à morte. Não velaram. Adormeceram. Mas o mesmo torpor pode descer também sobre nós. Há um sono perigoso:

o sono da mediocridade. Sobrevém quando esquecemos o primeiro amor e avançamos apenas por inércia, prestando atenção somente a viver tranquilos. Mas, sem ímpetos de amor a Deus, sem esperar a sua novidade, tornamo-nos medíocres, tíbios, mundanos. E isto corrói a fé, porque a fé é o contrário da mediocridade: é desejo ardente de Deus, audácia contínua em converter-se, coragem de amar, é caminhar sempre para diante. A fé não é água que apaga, mas fogo que queima; não é um calmante para quem está agitado, mas uma história de amor para quem está enamorado! Por isso, Jesus detesta acima de tudo a tibieza (cf. Ap 3, 16). Vê-se o desprezo de Deus pelos tíbios

E como podemos despertar do sono da mediocridade? Com a *vigilância da oração*. Rezar é acender uma luz na noite. A oração desperta da tibieza de uma vida horizontal, levanta o olhar para o alto, sintoniza-nos com o Senhor. A oração permite a Deus estar perto de nós; por isso liberta da solidão e dá esperança. A oração oxigena a vida: tal como não se pode viver sem respirar, assim também não se pode ser cristão sem rezar. E há tanta necessidade de cristãos que vigiem por quem dorme, de adoradores, de intercessores que, dia e noite, levem à presença de Jesus, luz do mundo, as trevas da história. Há necessidade de adoradores. Perdemos um pouco o sentido da adoração: permanecer em silêncio diante do Senhor, adorando. Isto é a mediocridade, a tibieza.

Mas existe outro sono interior: *o sono da indiferença*. Os indiferentes veem tudo igual, como se fosse de noite; e não se interessam por quem está perto deles. Quando orbitamos apenas em torno de nós mesmos e das nossas necessidades, indiferentes às dos outros, a noite desce sobre o coração. O coração torna-se escuro. Rapidamente começamos a lamentar-nos de tudo, sentindo-nos vítima de todos e, por fim, tramamo-los em tudo. Lamentações, sensação de ser vítima e conjuras: é uma corrente... Atualmente, parece que esta noite caiu sobre muitos: reivindicam para si próprios e desinteressam-se dos outros.

Como acordar deste sono da indiferença? Com a *vigilância da caridade*. Para projetar luz sobre o referido sono da mediocridade, da tibieza, temos a vigilância da oração. Para despertar deste sono da indiferença, temos a vigilância da caridade. A caridade é o coração pulsante do cristão: tal como não se pode viver sem pulsação, assim também não se pode ser cristão sem caridade. Pensam alguns que sentir compaixão, ajudar, servir seja próprio de perdedores, quando, na realidade, é a única coisa vitoriosa, porque já está projetada para o futuro, para o dia do Senhor, quando há de passar tudo ficando apenas o amor. É com as obras de misericórdia que nos aproximamos do Senhor. Pedimo-lo hoje na Oração Coletiva: «Desperta, Senhor, nos vossos fiéis a vontade firme de se prepararem, pela *prática das boas obras*, para ir ao encontro de Cristo». A vontade de ir ao encontro de Cristo com as boas obras. Jesus vem e o caminho para ir ao seu encontro está assinalado: são as obras de caridade.

Queridos irmãos e irmãs, rezar e amar: aqui está a vigilância. Quando a Igreja adora a Deus e serve o próximo, não vive na noite. Ainda que esteja cansada e provada, caminha rumo ao Senhor. Invoquemo-lo: Vinde, Senhor Jesus! Precisamos de Vós. Vinde para junto de nós. Vós sois a luz: despertai-nos do sono da mediocridade; despertai-nos das trevas da indiferença. Vinde, Senhor Jesus! Tornai vigilantes os nossos corações que agora vivem distraídos: fazei-nos sentir o desejo de rezar e a necessidade de amar.

Angelus a prece de Francisco

América Central atingidas por furacões

«Está Deus perto de si, como tu me tens perto de ti?». Nenhum, só nós temos esta graça de ter Deus perto de nós. Aguardamos Deus, esperamos que Ele se manifeste, mas também Ele espera que nos manifestemos a Ele!

Maria Santíssima, Mulher da expectativa, acompanhe os nossos passos neste novo ano litúrgico que começamos, ajudando-nos a cumprir a tarefa dos discípulos de Jesus, indicada pelo Apóstolo Pedro. E em que consiste esta tarefa? Em explicar a razão da nossa esperança (cf. 1 Pd 3, 15).

Uma confirmação da proximidade às populações da América central atingidas por fortes furacões foi assegurada pelo Papa Francisco no final do Angelus do primeiro domingo do Advento, e indicou três coordenadas para o tempo do Advento: «sobriedade, atenção aos vizinhos e oração em família».

Estimados irmãos e irmãs!

Desejo manifestar mais uma vez a minha proximidade às populações da América Central, atingida por fortes furacões, e recordo em particular as Ilhas de San Andrés, Providencia e Santa

Catalina, assim como a costa pacífica do norte da Colômbia. Rezo por todos os países que sofrem devido a estas calamidades.

Dirijo as minhas cordiais saudações a vós, fiéis de Roma e peregrinos de vários países. Saúdo em particular aqueles que – infelizmente em número muito limitado – vieram por ocasião da criação dos novos Cardeais, que teve lugar ontem à tarde. Oremos pelos treze novos membros do Colégio Cardinalício.

Desejo a todos vós bom domingo e bom caminho de Advento. Procuremos tirar o bem inclusive da difícil situação que a pandemia nos impõe: maior sobriedade, atenção discreta e respeitosa aos vizinhos que podem estar em necessidade, alguns momentos de oração em família, com simplicidade. Estas três atitudes ajudar-nos-ão muito: maior sobriedade, atenção discreta e respeitosa aos vizinhos que podem estar em necessidade e depois, muito importante, alguns momentos de oração em família, com simplicidade. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista.



Visita a Bento XVI



No final do rito, não tiveram lugar, no respeito pelas normas sanitárias para evitar o contágio, as habituais visitas de cortesia de amigos e conhecidos, que eram realizadas nalgumas salas do Palácio apostólico e na sala Paulo VI. Contudo a Covid-19 não impediu que o Papa Francisco e os novos cardeais fossem visitar Bento XVI na capela do mosteiro do Vaticano «Mater Ecclesiae». Num clima de afeto, os purpurados foram apresentados a Joseph Ratzinger, o qual manifestou a sua alegria pela visita e, depois do canto do Salve Regina, lhes concedeu a bênção. A visita concluiu-se pouco depois das 17h00.

Consistório ordinário público

Biografia dos novos cardeais

MARIO GRECH
Bispo Emérito de Gozo
(Malta)
Secretário-Geral
do Sínodo dos Bispos

Bispo maltês, sessenta e três anos, Mario Grech foi recentemente chamado pelo Papa Francisco para continuar a renovação do caminho sinodal empreendido desde o início do seu pontificado. Nascido em Qala, na diocese de Gozo, a 20 de fevereiro de 1957, frequentou a escola das monjas carmelitas e, em seguida, a escola primária.

Após ter completado os estudos na escola secundária de Vitória, em 1977 frequentou primeiro o curso de filosofia e depois o de teologia no seminário do Sagrado Coração, em Gozo.

Após a ordenação sacerdotal, a 26 de maio de 1984, continuou os estudos em Roma, obtendo a licenciatura em *Utrouque iure* na Pontifícia universidade Lateranense e o doutoramento em direito canônico na Pontifícia universidade de São Tomás de Aquino (Angelicum). Regressando a Malta, desenvolveu uma intensa atividade pastoral e exerceu também os cargos de vigário judicial do

meação como prefeito da Congregação para as causas dos santos. Marcello Semeraro une a formação teológica



ca com a experiência pastoral, além de ter seguido de perto desde o início – como secretário do Conselho de cardeais instituído em 2013 – o caminho da reforma da Cúria romana e de revisão da *Pastor bonus* empreendido pelo Papa Francisco.

Nascido em Monteroni di Lecce a 22 de dezembro de 1947, foi ordenado sacerdote a 8 de setembro de 1971. Professor de teologia em vários institutos e faculdades, na Pontifícia universidade Lateranense manteve a cadeira de eclesiologia até 25 de julho de 1998, quando São João Paulo II o nomeou bispo de Oria. No dia 29 de setembro seguinte, recebeu a ordenação episcopal. No seio da Conferência episcopal italiana desempenhou vários cargos, entre os quais membro e depois presidente da comissão para a Doutrina da Fé e a catequese. Desde 5 de maio de 2007 é presidente do Conselho de administração de “Avvenire – Nuova Editrice spa”. A 1 de outubro de 2004 o Papa Wojtyła transferiu-o para a sede suburbicária de Albano. Desde 2009 é membro da Congregação para as causas dos santos, para cuja guia o Papa Francisco o nomeou a 15 de outubro último. A 13 de abril de 2013 foi nomeado secretário do Conselho de cardeais para ajudar o Santo Padre no governo da Igreja universal e estudar um projeto de revisão da Constituição Apostólica *Pastor bonus* na Cúria romana, cargo no qual foi sucedido pelo bispo Marco Mellino. Desde 30 de junho de 2016, é também membro do Dicastério para a comunicação.

ANTOINE KAMBANDA
Arcebispo de Kigali
(Ruanda)

É testemunha do horror da violência mas também do poder da reconciliação e do perdão. Nascido a 10 de novembro de 1958 em Nyamata, na arquidiocese de Kigali, viu a sua família ser exterminada durante a guerra de 1994. Sobreviveu juntamente com um

irmão, que atualmente vive na Itália. Estudou no Burundi, Uganda (onde frequentou a escola primária) e no Quênia (onde completou os estudos superiores) e regressou à pátria depois de ter estudado filosofia e também dois anos de teologia. Concluiu a preparação teológica no seminário maior de Nyakibanda, na diocese de Butare. Foi ordenado sacerdote a 8 de setembro de 1990 por S. João Paulo II durante a sua visita pastoral ao Ruanda. De 1990 a 1993 foi professor e prefeito do seminário menor de Ndera (Kigali). Obteve o doutoramento em teologia moral em Roma, na Academia Alfonsiana, residindo de 1993 a 1999 no Pontifício colégio São Paulo. Entre 1999 e 2005, novamente na sua arquidiocese de Kigali, foi diretor da



Cáritas e da Comissão diocesana “Justiça e Paz”. Ocupou vários cargos nos seminários da sua terra, como reitor, professor e diretor espiritual. A 7 de maio de 2013 foi nomeado bispo de Kibungo e no dia 20 de julho seguinte recebeu a ordenação episcopal. O seu lema é *Ut vitam habeant*. A 19 de novembro de 2018 o Papa Francisco promoveu-o arcebispo de Kigali.

WILTON DANIEL GREGORY
Arcebispo de Washington
(Estados Unidos
da América)

Primeiro afro-americano a receber o barrete cardinalício, Wilton Daniel Gregory nasceu a 7 de dezembro de 1947 em Chicago, Illinois. Ali frequentou a Saint Carthage Grammar School, onde se converteu ao catolicismo. Na sua cidade natal estudou filosofia no Niles College e teologia no Saint Mary of the Lake Seminary.



logia no Saint Mary of the Lake Seminary.

Sucessivamente obteve o doutoramento em liturgia no Pontifício ateneu de Santo Anselmo em Roma. Ordenado sacerdote a 9 de maio de 1973 para a arquidiocese de Chicago, ocupou vários cargos, incluindo o de vigário paroquial da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Glenview, professor de liturgia no seminário de Santa Maria do Lago em Mundelain, membro do gabinete arquidiocesano para a liturgia e mestre de cerimônias dos cardeais Cody e Bernardin. Nomeado bispo titular de Oliva e auxiliar de Chicago em 18 de outubro de 1983, recebeu a ordenação episcopal no dia 13 de dezembro seguinte. Tornou-se bispo de Belleville a 29 de dezembro de 1993, e foi promovido arcebispo metropolitano de Atlanta a 9 de dezembro de 2004. A 5 de abril de 2019 foi transferido para a arquidiocese de Washington. Foi presidente da Conferência episcopal de 2001 a 2004, ocupando também outros cargos, incluindo o de vice-presidente (1998-2001) e membro de várias comissões.

JOSE FUERTE ADVINCULA
Arcebispo de Capiz
(Filipinas)

Nasceu em Dumalag, na arquidiocese de Capiz, a 30 de março de 1952. Depois de completar a escola primária na sua cidade natal, passou



para a High School do seminário São Pio X em Roxas City, onde também completou a sua formação filosófica.

Frequentou depois cursos de Teologia na Universidade de São Tomás em Manila. Foi ordenado sacerdote, para a sua arquidiocese natal, a 14 de abril de 1976. Mais tarde, foi diretor espiritual do seminário São Pio X, desempenhando as funções de professor e reitor de estudos. Estudou psicologia na De La Salle University em Manila e depois Direito canônico na universidade da capital filipina e na Pontifícia universidade de São Tomás de Aquino (Angelicum) em Roma, obtendo a licenciatura. Regressando à pátria, serviu no seminário de Vigan, Nueva Se-

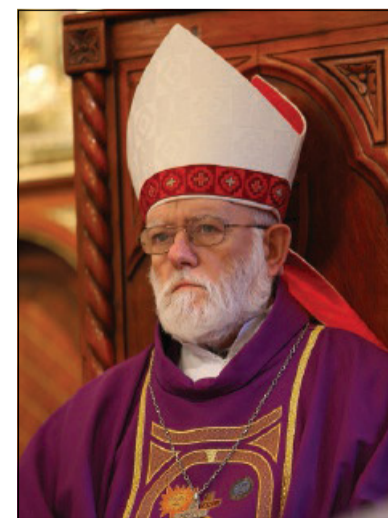


govia, e depois no seminário regional de Jaro. Em 1995 foi nomeado reitor do seminário de São Pio X, depois tornou-se defensor do vínculo, promotor de justiça e por fim vigário judicial em Capiz. Em 1999 foi nomeado pároco de São Tomás de Vilanueva em Dao. Em 25 de julho de 2001 foi nomeado por São João Paulo II bispo de São Carlos. No dia 8 de setembro seguinte recebeu a ordenação episcopal, escolhendo como lema “Audiam”. Dez anos mais tarde, a 9 de novembro de 2011, foi promovido por Bento XVI arcebispo de Capiz. No âmbito da Conferência episcopal filipina, foi membro das Comissões para a Doutrina da Fé e para os Povos indígenas.

CELESTINO AÓS BRACO
Arcebispo
de Santiago do Chile

É um religioso espanhol da ordem dos frades capuchinhos menores. Nascido em Artaiz, na diocese de Pamplona, a 6 de abril de 1945, com apenas 10 anos – a 16 de agosto de 1955 – entrou na família dos capuchinhos.

Estudou filosofia em Saragoça e teologia em Pamplona. Obteve também a licenciatura em Psicologia na Universidade de Barcelona. Fez a profissão perpétua a 16



de setembro de 1967 em Pamplona, onde foi ordenado sacerdote a 30 de março de 1968. Estudou na Pontifícia universidade católica do Chile, entre 1980 e 1981, e quando regressou à Espanha foi professor em Pamplona e vigário em Saragoça. Em 1983 foi destinado à província capuchinha do Chile como vigário paroquial em Longaví. Em 1985 foi eleito superior da comunidade capuchinha de Santa Maria de Los Angeles e em 1995 tornou-se pároco em San Miguel em Viña del Mar, além de ser superior da comunidade capuchinha em Recreo. Em 2008 foi nomeado vigário paroquial em San Francisco de Asís em Los Angeles. Foi ecónomo provincial dos capuchinhos no Chile, promotor de justiça no tribunal eclesiástico de Valparaíso e juiz no tribunal de Concepción. Nomeado bispo de Copiapó a 25 de julho de 2014, recebeu a ordenação episcopal a 18 de outubro seguinte. A 23 de março de 2019 foi nomeado administrador apostólico “sede vacante et ad nutum Sanctae Sedis” da arquidiocese de Santiago do Chile. Em 27 de dezembro de 2019, o Papa Francisco promoveu-o arcebispo de Santiago do Chile.

CORNELIUS SIM
Bispo Titular
de Putia in Numidia
Vigário Apostólico
do Brunei

Nascido em Seria, no Brunei, a 16 de setembro de 1951, foi ordenado sacerdote a 26 de novembro de 1989 para o clero da diocese malaia de Miri: é o segundo sacerdote na história da Igreja local que nasceu no Brunei.

Obteve a licenciatura em engenharia na Dundee University, na Escócia, e depois um mestrado em teologia na Universidade franciscana de



tribunal da sua diocese e do tribunal eclesiástico de Malta, professor de direito canônico no seminário e membro do colégio de consultores, do conselho presbiteral e das comissões diocesanas de teologia, família e comunicação social. A 26 de novembro de 2005, Bento XVI nomeou-o bispo de Gozo. A 22 de janeiro de 2006 recebeu a ordenação episcopal, com o lema *In fractione panis*. De 2013 a 2016 foi presidente da Conferência episcopal maltesa. A 2 de outubro de 2019 foi nomeado pró-secretário-geral do Sínodo dos bispos – renunciando ao governo pastoral da diocese de Gozo – e a 15 de setembro de 2020 assumiu o cargo de secretário-geral.

MARCELLO SEMERARO
Prefeito da Congregação
para as Causas dos Santos
Administrador Apostólico
de Albano (Itália)

Recebeu o anúncio da sua criação cardinalícia exatamente dez dias após a sua no-

Consistório ordinário público



Steubenville, Ohio, EUA. A 21 de novembro de 1997 foi nomeado primeiro prefeito apostólico do Brunei. E quando, a 20 de outubro de 2004, a prefeitura apostólica do Brunei (cujo território foi desmembrado da diocese de Miri) foi elevada à categoria de vicariato apostólico – com a bula *Ad aptius consulendum* – mantendo o mesmo nome e configuração territorial, foi eleito para a Igreja titular de Putium in Numidia e nomeado primeiro vigário apostólico do Brunei. Recebeu a ordenação episcopal a 21 de janeiro de 2005, primeiro bispo originário do país, escolhendo como lema *Duc in altum*. Desde 2017 é vice-presidente da Conferência episcopal dos bispos da Malásia, Singapura e Brunei, depois de ter sido seu secretário-geral de 2015 a 2017. O vicariato apostólico – correspondente ao território do Sultanado do Brunei, que tem o Islão (sunita) como religião estatal – está sediado na cidade de Bandar Seri Begawan, onde se encontra a catedral da Assunção da Virgem Maria, e está dividido em três paróquias.

AUGUSTO PAOLO LOJUDICE
Arcebispo de Siena-Colle di Val d'Elsa-Montalcino (Itália)

Embora seja bispo na Toscana há pouco mais de um ano, D. Augusto Paolo Lojudice é um sacerdote romano. De facto, foi em Roma que nasceu a 1 de julho de 1964 e completou todo o curso de formação e serviço sacerdotal. Depois de obter o diploma do liceu clássico em 1983 na escola secundária San Benedetto da Norcia, entrou no Pontifício seminário maior romano, frequentou os cursos de filosofia e teologia na Pontifícia universidade Gregoriana de 1983 a 1988, ob-



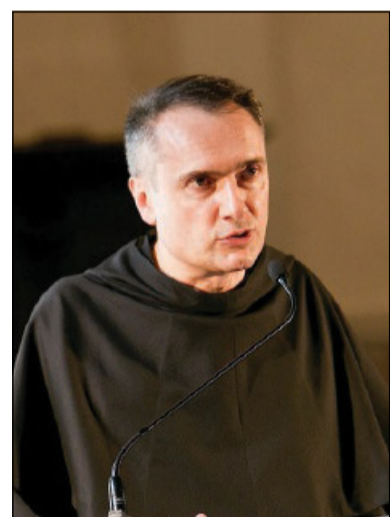
tendo a licenciatura em teologia com especialização em teologia fundamental.

Ordenado sacerdote a 6 de maio de 1989, foi vigário da paróquia de Santa Maria do Bom Conselho (até 1992) e São Vigílio (1992-1997); pároco de Santa Maria Mãe do Redentor em Tor Bella Monaca (1997-2005); padre espiritual no seminário maior (2005-2014) e durante um ano pároco de S. Lucas no Prenestino. Durante o seu serviço esteve particularmente próximo das camadas mais débeis da população, especialmente dos ciganos e das “escravas” da rua. A 6 de março de 2015 foi eleito para a Sé titular de Alba Marítima e nomeado bispo auxiliar de Roma, recebendo a ordenação episcopal no dia 23 de maio seguinte. *Mihi fecistis* o lema episcopal escolhido.

No seio da Conferência episcopal italiana é secretário da Comissão para as migrações. A 6 de maio de 2019 foi promovido arcebispo de Siena-Colle di Val d'Elsa-Montalcino e a 16 de junho do mesmo ano ingressou na arquidiocese.

MAURO GAMBETTI
Arcebispo Titular de Thisiduo

Há quase 160 anos que a ordem dos Frades menores conventuais não tinha um



cardeal: o último foi em 1861, o siciliano Antonio Maria Panebianco, que recebeu a púrpura de Pio IX. Agora será o Papa Francisco a impor o barrete na cabeça do padre Mauro Gambetti, guardião do Sagrado convento de Assis.

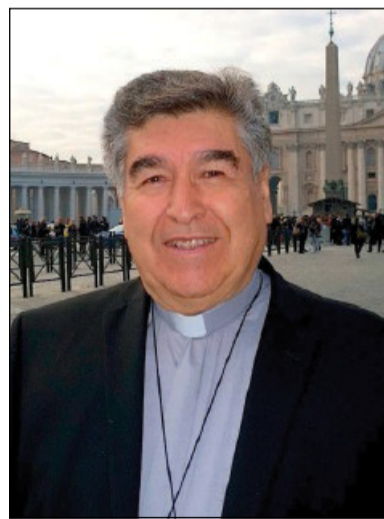
Nascido a 27 de outubro de 1965 em Castel San Pietro Terme, Bolonha, depois de se formar em engenharia mecânica na universidade da mesma capital provincial, em setembro de 1992 entrou na ordem dos Frades menores conventuais. Fez a profissão religiosa temporária a 29 de agosto de 1995 e a profissão perpétua a 20 de setembro de 1998. Após o bacharelato em teologia no instituto teológico de Assis (Perugia), obteve a licenciatura em antropologia teológica na faculdade de teologia da Itália central, em Florença. Foi ordenado sacerdote a 8 de janeiro de 2000 em Longiano (Forlì-Cesena) onde, no convento do Santíssimo Crucifixo, ocupou o cargo de animador da pastoral juvenil e

vocacional da Emilia Romagna e, de 2005 a 2009, também o de superior da comunidade. Na primavera de 2009 foi eleito ministro da Província de Bolonha da Ordem. A 22 de fevereiro de 2013 foi nomeado guardião-geral do Sagrado convento de São Francisco em Assis para o quadriênio 2013-2017. Ao mesmo tempo, o bispo de Assis – Nocera Umbra – Gualdo Tadino nomeou-o vigário episcopal para o cuidado pastoral da basílica papal de São Francisco e outros lugares de culto dirigidos pelos Frades menores conventuais na mesma diocese. Confirmado guardião-geral para o período de quatro anos 2017-2021, em setembro de 2017 foi eleito presidente da Federação Intermediterrânea de ministros provinciais da ordem.

FELIPE ARIZMENDI ESQUIVEL
Bispo Emérito de San Cristóbal de las Casas (México)

Profundo conhecedor das Igrejas da América Latina, ocupou vários cargos no CELAM e tendo sido o secretário-geral, o mexicano Felipe Arizmendi Esquivel, de oitenta anos, foi também bispo durante muito tempo numa realidade marcada pela pobreza profunda e a de Chiapas. Nascido a 1 de maio de 1940 em Chiltepec, na diocese de Tenancingo, estudou no seminário de Toluca e na Pontifícia universidade de Salamanca, na Espanha, onde obteve a licenciatura em teologia dogmática, especializando-se depois também em liturgia.

Ordenado sacerdote a 25 de agosto de 1963 em Toluca, foi vigário cooperador em três paróquias, prefeito dos filósofos e professor no seminário, pároco, diretor espiritual e professor no seminário menor, encarregado da pastoral vocacional, reitor do seminário, professor de liturgia e teologia pastoral. Na diocese foi também membro da comissão litúrgica, diretor do



departamento de catequese, membro da Equipe de Pastoral Juvenil, secretário e presidente do conselho presbiteral, coordenador da comissão de comunicação social e vigário-geral. A nível nacional foi membro da Equipe de Pastoral Vocacional e da Organização de seminários de México, da qual foi também presidente, assim como membro da Equipe Interdisciplinar de assessores da Conferência do episcopado mexicano. Durante três anos presidiu à Organização de seminários da América Latina, depois trabalhou como perito no Departamento de vocações do Conselho episcopal latino-americano.

A 7 de fevereiro de 1991 foi nomeado bispo de Tapachula e recebeu a ordenação episcopal a 7 de março seguinte. Durante esse período, foi também secretário-geral do CELAM. A 31 de março de 2000 foi transferido para a diocese de San Cristóbal de Las Casas. Renunciou ao governo pastoral a 3 de novembro de 2017.

SILVANO MARIA TOMASI
Arcebispo Titular de Acelum
Núncio Apostólico Delegado Especial junto da Soberana Ordem Militar de Malta

Recentemente completou oitenta anos, mas graças ao seu



vasto conhecimento dos fenómenos migratórios continua a oferecer a sua experiência à Santa Sé no Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral (Dsdhi). Nascido a 12 de outubro de 1940 em Casoni di Mussolente, na diocese de Treviso, Silvano Maria Tomasi estudou na Itália e nos Estados Unidos da América, onde foi ordenado sacerdote a 31 de maio de 1965 na congregação dos Missionários de São Carlos.

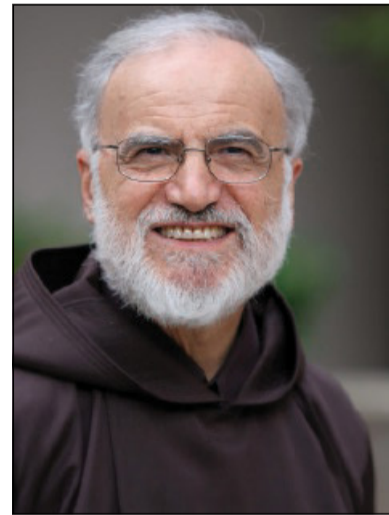
Depois de obter a licenciatura em Ciências sociais e o doutoramento em Sociologia pela Fordham University em Nova Iorque, foi professor assistente na City University em Nova Iorque e na New School of Social Reserch (1970-1974) e diretor fundador do “Center for Migration Studies, Inc.”. Superior provincial da família religiosa fundada pelo beato Scalabrini, de 1983 a 1987 foi o primeiro diretor do Departamento da pastoral para migrantes e refugiados da Conferência episcopal americana. Chamado a Roma em 1989 como secretário do Pontifício conselho para a pastoral dos migrantes e itinerantes, a 27 de junho de 1996 foi eleito para a Igreja titular de Cercina com o título pessoal de arcebispo e nomeado núncio apostólico na Etiópia, Eritreia e observador junto da

União africana. No dia 17 de agosto seguinte, recebeu a ordenação episcopal. A 24 de abril de 1999 foi transferido para a sede titular de Acelum e a 23 de dezembro de 2000 foi nomeado núncio apostólico no Djibuti. De 10 de junho de 2003 a 13 de fevereiro de 2016 foi observador permanente no Departamento das Nações Unidas e nas instituições especializadas em Genebra e na Organização mundial do comércio. A 9 de abril de 2016, Francisco nomeou-o membro do Pontifício conselho Justiça e Paz, que pouco depois foi inserido no Dsdhi.

RANIERO CANTALAMESSA
Pregador da Casa Pontifícia

Entre os novos cardeais, ele é o rosto mais conhecido nos meios de comunicação social italianos, especialmente na televisão, onde propõe todos os sábados – há quinze anos – o comentário ao Evangelho de Domingo no programa “A sua imagina” na Rai 1. O padre Raniero Cantalamessa, da ordem dos Frades menores capuchinhos, foi chamado ao cargo de pregador da Casa pontifícia por João Paulo II em 1980, reconfirmado em 2005 por Bento XVI e em 2013 pelo Papa Francisco.

Nascido em Colli del Tronto, Ascoli Piceno, a 22 de julho de 1934, foi ordenado sacerdote em 1958. Licenciado em teologia em Friburgo (Suíça) e em literatura clássica, foi professor titular de história de origem cristã na Universidade católica do Sagrado Coração em Milão. De 1975 a 1981 foi membro da Comissão teológica internacional e, durante doze anos, da delegação católica para o diálogo com os pentecostais. Em 1979 deixou o ensino para se dedicar a tempo inteiro ao ministério da Palavra. Foi frequentemente chamado a falar também a irmãs de outras denominações cristãs: entre outros, deve ser recordado o seu discurso em 2015 no Sí-



nodo geral da Comunhão anglicana em Westminster, na presença da rainha Isabel II. Recebeu títulos honoríficos em Direito na universidade de Notre Dame em South Bend, em Ciências da comunicação na universidade de Macerata e em Teologia na universidade franciscana de Steubenville. Além de livros científicos, publicou numerosos textos de espiritualidade traduzidos em mais de 20 línguas.

Desde 2009 vive no eremitério do Amor misericordioso em Cittaducale, Rieti, prestando serviço sacerdotal a uma pequena comunidade de religiosas de clausura.

ENRICO FEROCI
Arcebispo Titular de Cures Sabinorum

Pároco em Roma, durante muito tempo diretor da Cáritas diocesana, há pouco mais de dois anos monsenhor Enrico Feroci guia o santuário mariano amado pelos romanos: o de Nossa Senhora do Divino Amor em Castel di Leva. Na sua nomeação como cardeal lê “um gesto do Papa não feito a mim pessoalmente, mas a todos os sacerdotes” da cidade.

Oitenta anos, nasceu a 27 de agosto de 1940 em Pizzoli, na arquidiocese de L'Aquila, entrou no Pontifício seminário menor romano com onze anos e, após o liceu, passou para o seminário maior.

Ordenado sacerdote a 13 de março de 1965, foi assistente dos Pontifícios seminários romanos menor e maior



(do primeiro foi também vice-reitor). Em 1976 foi destinado como vice-pároco da comunidade de San Frumenzio em Prati Fiscali, onde quatro anos mais tarde se tornou pároco. Durante vinte e quatro anos dirigiu a paróquia (1980-2004), antes de ser transferido para São Hipólito como pároco a 1 de julho de 2004. Permaneceu na comunidade localizada no Piazzale delle Province até 1 de setembro de 2009, quando o cardeal vigário o nomeou diretor da Cáritas diocesana. Nesta função, presidiu também à Fundação “Caritas Roma” e à Fundação contra a usura “Salus Populi Romani”. Foi também presidente da “Cooperativa Roma Solidarietà” e consultor do Pontifício conselho para a pastoral dos migrantes e itinerantes. Por fim, a 10 de novembro de 2017 o cardeal vigário nomeou-o presidente da associação clerical pública dos filhos Oblatos de Nossa Senhora do Divino Amor, confiando-lhe a 1 de setembro de 2018 a responsabilidade de reitor do santuário mariano da Via Ardeatina e do seminário anexo. Nomeado cônego e camerlengo de São João de Latrão, desde 1 de setembro de 2019 é também pároco de Santa Maria do Divino Amor em Castel di Leva.

CATEQUESE – Prosseguem as reflexões sobre a oração

Como se edifica a Igreja

Com a pregação, a comunhão e a prece

Pregação, comunhão, fração do pão e oração: eis as quatro coordenadas necessárias para avaliar se uma comunidade eclesial está edificada sobre fundamentos sólidos. O Papa Francisco indicou-as na audiência geral de quarta-feira, 25 de novembro, prosseguindo o ciclo de catequeses sobre a oração. Na Biblioteca particular do Palácio apostólico do Vaticano – sem a presença de fiéis por causa da Covid-19 – o Pontífice falou da experiência vivida pela Igreja primitiva, testemunhada pelos Atos dos apóstolos, oferecendo uma reflexão sobre a realidade atual.

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Os primeiros passos da Igreja no mundo foram cadenciados pela oração. Os escritos apostólicos e a grande narração dos *Atos dos Apóstolos* restituem-nos a imagem de uma Igreja a caminho, de uma Igreja ativa, mas que encontra nas reuniões de oração a base e o ímpeto para a ação missionária. A imagem da Comunidade primitiva de Jerusalém é um ponto de referência para todas as outras experiências cristãs. No Livro dos *Atos*, Lucas escreve: «Eles perseveravam na doutrina dos apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações» (2, 42). A comunidade perseverava na oração.

Aqui encontramos quatro características essenciais da vida eclesial: primeira, a escuta do ensinamento dos apóstolos; segunda, a salvaguarda da comunhão recíproca; terceira, a fração do pão; e quarta, a oração. Elas lembram-nos que a existência da Igreja tem sentido, se permanecer firmemente unida a Cristo, isto é, na comunidade, na sua Palavra, na Eucaristia e na oração. É o modo de nos unirmos a Cristo. A pregação e a catequese dão testemunho das palavras e dos gestos do Mestre; a busca constante da comunhão fraterna preserva dos egoísmos e dos particularismos; a fração do pão realiza o sacramento da presença de Jesus no meio de nós: Ele nunca estará ausente, na Eucaristia é precisamente Ele, Ele vive e caminha conosco. E por fim, a oração, que é o espaço do diálogo com o Pai, através de Cristo no Espírito Santo.

Na Igreja, tudo o que cresce fora destas “coordenadas” está desprovido de fundamento. Para discernir uma situação devemos perguntar-nos como, nesta situação, existem estas quatro coordenadas: a pregação, a busca constante da comunhão fraterna – a caridade – a fração do pão – ou seja, a vida eucarística – e a oração. Cada situação deve ser avaliada à luz destas quatro coordenadas. O que não entrar nestas coordenadas está desprovido



de eclesialidade, não é eclesial. É Deus quem faz a Igreja, não o clamor das obras. A Igreja não é um mercado; a Igreja não é um grupo de empresários que vão em frente com este novo empreendimento. A Igreja é obra do Espírito Santo, que Jesus nos enviou para nos congregar. A Igreja é precisamente a obra do Espírito na comunidade cristã, na vida comunitária, na Eucaristia, na oração, sempre. E tudo o que cresce fora destas coordenadas está sem fundamento, é como uma casa construída sobre a areia (cf. *Mt 7, 24-27*). É Deus quem faz a Igreja, não o cla-

mor das obras. É a palavra de Jesus que enche os nossos esforços de significado. É na humildade que se constrói o futuro do mundo.

Às vezes, sinto grande tristeza quando vejo alguma comunidade que, com boa vontade, comete um erro porque pensa em fazer a Igreja com reuniões, como se fosse um partido político: a maioria, a minoria, o que pensa este, ele, o outro... “É como um Sínodo, um caminho sinodal que devemos percorrer”. Pergunto-me: onde está o Espírito Santo? Onde está a oração? Onde está o amor comunitário? Onde está a Eucaristia? Sem estas quatro coordenadas, a Igreja torna-se uma sociedade humana, um partido político – maioritário, minori-

tário – as mudanças são feitas como se fosse uma empresa, pela maioria ou minoria... Mas não há Espírito Santo. E a presença do Espírito Santo é garantida precisamente por estas quatro coordenadas. Para avaliar uma situação, se é eclesial ou não, perguntemo-nos se existem estas quatro coordenadas: a vida comunitária, a oração, a Eucaristia... [a pregação], como se desenvolve a vida com estas quatro coordenadas. Se faltar isto, faltarão o Espírito, e se faltar o Espírito, seremos uma bonita associação humanitária, de beneficência, muito bem, até um

partido, digamos assim, eclesial, mas não há Igreja. E é por isso que a Igreja não pode crescer através destas coisas: não cresce por proselitismo, como qualquer empresa, cresce por atração. E quem move a atração? O Espírito Santo. Nunca esqueçamos esta expressão de Bento XVI: “A Igreja não cresce por proselitismo, cresce por atração”. Se faltar o Espírito Santo, que atraí para Jesus, ali não haverá Igreja alguma. Bem, haverá um bom clube de amigos, com boas intenções, mas não haverá Igreja, não haverá sinodalidade.

Lendo os *Atos dos Apóstolos*, descobrimos que o poderoso motor da evangelização são as reuniões de oração, onde aqueles que participam experimentam diretamente a presença de Jesus e são tocados pelo Espírito. Os membros da primeira comunidade – mas isto é sempre verdade, também para nós, hoje – compreendem que a história do encontro com Jesus não parou no momento da Ascensão, mas continua na sua vida. Narrando o que o Senhor disse e fez – a escuta da Palavra – rezando para entrar em comunhão com Ele, tudo se torna vivo. A oração infunde luz e calor: o dom do Espírito faz nascer neles o fervor.

A este respeito, o *Catecismo* tem uma expressão muito densa. Diz assim: «O Espírito Santo [...] recorda Cristo à sua Igreja orante, também a conduz para a verdade integral e suscita formulações novas que exprimirão o insondável mistério de Cristo operante na vida, sacramentos e missão da Igreja» (n. 2625). Eis a obra do Espírito na Igreja: *recordar Jesus*. O próprio Jesus disse-o: Ele ensinar-vos-á e recordar-vos-á. A missão consiste em *recordar* Jesus, mas não como exercício mnemônico. Percorrendo os caminhos da missão, os cristãos recordam Jesus quando o tornam novamente presente; e dele, do seu Espírito



to, recebem o “impulso” para ir, proclamar e servir. Na oração, o cristão mergulha no mistério de Deus que ama cada homem, aquele Deus que deseja que o Evangelho seja pregado a todos. Deus é Deus para todos, e em Jesus todos os muros de separação foram definitivamente abatidos: como diz São Paulo, Ele é a nossa paz, ou seja, «Ele, que de dois povos fez um só» (*Ef 2, 14*). Jesus realizou a unidade. Assim, a vida da Igreja primitiva é ritmada por uma sucessão contínua de celebrações, convocações, tempos de oração quer comunitária quer pessoal. E é o Espírito que dá força aos pregadores que se põem a caminho, e que por amor a Jesus sulcam os mares e enfrentam perigos, submetendo-se a humilhações.

Deus doa amor, Deus pede amor. Esta é a raiz mística de toda a vida crente. Os primeiros cristãos em oração, mas também nós que viemos muitos séculos mais tarde, todos vivemos a mesma experiência. O Espírito anima tudo. E qualquer cristão que não tiver medo de dedicar tempo à oração, pode fazer próprias as palavras do apóstolo Paulo: «A

minha vida presente, na carne, vivo-a na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim» (*Gl 2, 20*). A oração torna-nos conscientes disto. Só no silêncio da adoração experimentamos toda a verdade destas palavras. Temos que retomar o sentido da adoração. Adorar, adorar Deus, adorar Jesus, adorar o Espírito. O Pai, o Filho e o Espírito: adorar. Em silêncio! A prece da adoração é a oração que nos faz reconhecer Deus como início e fim de toda a história. E esta oração é o fogo vivo do Espírito que dá força ao testemunho e à missão. Obrigado!

No final da audiência geral, o Santo Padre dirigiu várias saudações, entre outras aos fiéis de expressão portuguesa, sintonizados através da rádio, da televisão e dos modernos meios de comunicação.

Dirijo uma cordial saudação aos fiéis de língua portuguesa. Queridos irmãos, a oração nos abre à força do Espírito Santo, que nos fortalecendo com os seus dons, nos torna firmes na fé e nos impulsiona a dar um testemunho alegre da verdade cristã. Que Deus vos abençoe!

Compromisso dos jogadores de basquetebol da NBA recebidos pelo Pontífice Uma mensagem de humildade e justiça social



Campeões, mas capazes de olhar «sempre para a sociedade, para a justiça social, para os problemas sociais», fazendo do desporto «um mensageiro para o bem». Com estas palavras, o Papa Francisco, a 23 de novembro, dirigiu-se aos jogadores de basquetebol da NBA que vieram dos Estados Unidos ao Vaticano juntamente com representantes do sindicato Nba para lhe apresentar o seu compromisso contra a discriminação racial.

«A vossa mensagem é a beleza do desporto, é verdade – disse o Pontífice – mas também o trabalho de grupo, a comunidade. E que isto seja uma semente de beleza e de desenvolvimento comunitário rumo à justiça», auspiciou.

Depois de ter confidenciado algumas recordações da sua infância – «de quando eu era criança... I was a boy», disse em tom de brincadeira, «gostava de ir todos os anos ao parque de diversões para ver os globetrotters. Estou a falar de 1952, 53, 54...» – Francisco enfatizou o valor social da mensagem lançada por estes atletas, grandes estrelas nos campos, mas também capazes de se comprometerem humildemente a reivindicar os direitos civis dos afro-ame-

ricanos. A este respeito, o Papa quis sublinhar «que não sois iguais uns aos outros: preservai a vossa personalidade. Cada um de vós falou pessoalmente». E acrescentou «esta é a riqueza» do jogo de equipa: «não perder a própria personalidade, mas integrá-la com as outras». E elogiou «este testemunho», do qual «a sociedade de hoje necessita». De facto, esclareceu, «sois campeões e também dando este exemplo de equipa, tornais-vos humildes. É a beleza do homem de desporto que é grande», mas para fazer parte da equipa «permanece sempre humilde».

Por fim, Francisco confiou aos atletas a tarefa de preservar «sempre esta humanidade, porque o desporto nos ajuda a ser mais humildes», e de «não perder a dimensão de gratuidade do desporto, porque o desporto é belo», mas «há sempre o perigo de perder este aspeto» em benefício da «eficiência»; mas, trata-se sempre de «um dom que recebo e um dom que ofereço», concluiu, salientando a presença de uma mulher na delegação: «Creio – comentou – que é a primeira vez. Vê-se que ela tem personalidade».